



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB  
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS  
APLICADAS – FATECS

DAYANE RODRIGUES DOS SANTOS  
GABRIELA ECHENIQUE FEITOSA MARQUES

**SÉRIE DE RÁDIO: INFÂNCIAS E CONTRASTES SOCIAIS**

BRASÍLIA  
2013

DAYANE RODRIGUES DOS SANTOS  
RA 2105431/8  
GABRIELA ECHENIQUE FEITOSA MARQUES  
RA 2105442/6

**SÉRIE DE RÁDIO: INFÂNCIAS E CONTRASTES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.  
Orientador: professor Me. Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2013

DAYANE RODRIGUES DOS SANTOS  
GABRIELA ECHENIQUE FEITOSA MARQUES

**SÉRIE DE RÁDIO: INFÂNCIAS E CONTRASTES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: professor Me. Luiz Cláudio Ferreira

**Banca Examinadora**

---

Prof. Me. Luiz Cláudio Ferreira  
Orientador

---

Prof. Edla Lula  
Examinador

---

Prof. Cláudio Marcos  
Examinador

BRASÍLIA

2013

Dedicamos este trabalho às crianças de Brasília. Aquelas que têm esperança de um futuro melhor, que acreditam em um mundo que renasce a cada instante e novos sonhos são construídos.

**Dayane dos Santos e Gabriela Echenique**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado a vida, pelas bênçãos e oportunidades que fizeram com que eu chegasse até aqui. Sem Ele eu não seria nada.

Aos meus pais, Diomicio e Maria, por estarem sempre ao meu lado. Pelo amor, apoio e por toda confiança depositada em mim. Eles me encorajaram a seguir meu sonho e se sacrificaram para que ele pudesse ser realizado, aliás, fazem isso todos os dias.

Ao meu namorado, melhor amigo e companheiro, Carlos Eduardo, pelo amor e paciência. Obrigada por passar parte do seu tempo me ajudando com sugestões de pauta e até por me acompanhar em algumas. De alguma forma, esse trabalho também é um pouco seu.

A colega de classe, que se tornou minha amiga e companheira, Gabriela Echenique. Que fez com que esses três anos fossem mais felizes e alegres, e a qual eu quero ter como amiga para o resto de minha vida.

A Luzia Giffoni, que me ensinou como por em prática os ensinamentos que eu aprendia em sala de aula e por me sentir realizada pela profissão escolhida.

As colegas de estágio Ana Flávia, Juliana, Jéssika, Suzane, Mayara e Karen, pelas tardes em que compartilhamos o sentimento da amizade e de uma equipe unida.

Ao mestre e amigo, Luiz Claudio, que despertou meu olhar jornalístico e por transmitir sua paixão pela profissão. Com ele tive absoluta certeza que fiz a escolha certa.

Agradeço a todos, que apoiaram e ajudaram na construção deste trabalho. Muito, muito, muito obrigada!

**Dayane Rodrigues dos Santos**

Agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado, me fortalecendo, na minha proteção e por ter me abençoado grandemente durante esta jornada.

À Pastora Eny Leal que me guiou, sempre esteve disposta a me atender e me escutar, e que esteve orando por mim.

Aos meus queridos pais que possibilitaram a minha formação e que me dão forças todos os dias para que eu continue lutando, siga meu caminho e realize todos os meus sonhos. Tudo que aprendi até hoje é pela educação que recebi e agradeço a eles pelo aprendizado de cada dia.

A minha parceira, companheira e, acima de tudo, minha amiga, Dayane dos Santos, que esteve ao meu lado durante a realização deste trabalho. Agradeço por ter tido a oportunidade de passarmos mais de três anos juntas e agora, por contribuir com este lindo trabalho que tive orgulho de fazer ao lado dela.

Ao meu companheiro, namorado e amigo que sempre me deu forças e esteve paciente nos momentos mais desesperadores que passei nesse período. Obrigada pela confiança, pelo companheirismo, pelo amor e por completar os maravilhosos cinco anos da minha vida ao meu lado. Obrigada por cada minuto ao seu lado.

Agradeço também ao Weverton Borges que fez deste trabalho mais lindo e emocionante e por todo apoio que me deu durante esse processo.

À querida Rayra que me acompanhou e apresentou sua cidade para ajudar na realização deste trabalho. E acima de tudo, disponibilizou seu tempo para ajudar a contribuir com este trabalho.

E ao meu mestre e professor Luiz Claudio Ferreira pelo aprendizado durante todo o curso. Obrigada pela força, companheirismo e por toda a atenção. Agradeço pela confiança depositada em mim durante esta jornada. Vou levar comigo todo aprendizado e orgulho de ter você como professor e orientador.

Agradeço a todos que, de alguma forma, apoiaram e ajudaram a construir este trabalho.

**Gabriela Echenique Feitosa Marques**

## RESUMO

Este é o memorial descritivo do documentário “Série de Rádio: Infância e Contrastes Sociais”, que apresenta as desigualdades sociais, no Distrito Federal, em relação à saúde, educação, moradia e renda. O trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar a vida social dos pequenos, baseada na condição de vida de cada um. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069 (Art. 4º) “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”. Porém, o que é previsto em lei não é a realidade das crianças que vivem nas regiões administrativas de Brasília.

**Palavras-chave:** Infância. Desigualdade infantil. Direito da criança e do adolescente.

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>1.1 Escolha do tema</b> .....	<b>8</b>
<b>1.2 Justificativa</b> .....	<b>8</b>
<b>1.3 Objetivos</b> .....	<b>9</b>
1.3.1 Objetivo Geral .....	9
1.3.2 Objetivos Específicos .....	9
<b>2 A LINGUAGEM RADIOFÔNICA</b> .....	<b>10</b>
<b>3 RADIOJORNALISMO NO BRASIL</b> .....	<b>13</b>
<b>4 DESCRIÇÃO NO RÁDIO</b> .....	<b>16</b>
<b>5 ENTREVISTA JORNALÍSTICA</b> .....	<b>18</b>
<b>6 DIÁRIO DE BORDO: EMOÇÕES E DIFICULDADES</b> .....	<b>21</b>
6.1 Saúde .....	21
6.2 Moradia .....	22
6.3 Educação .....	22
6.4 Renda .....	23
<b>7 CONCLUSÃO</b> .....	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>26</b>
<b>APÊNDICE A – SAÚDE</b> .....	<b>28</b>
<b>APÊNDICE B – MORADIA</b> .....	<b>30</b>
<b>APÊNDICE C – EDUCAÇÃO</b> .....	<b>32</b>
<b>APÊNDICE D – RENDA</b> .....	<b>34</b>

# **1 INTRODUÇÃO**

## **1.1 Escolha do tema**

Vidas contrárias, realidades distantes, destinos tão diferentes. Em diversas regiões administrativas do Distrito Federal, a infância é vivida por condições impostas pelo ambiente familiar em que cada um nasceu. Enquanto uns dependem da rede pública de saúde, outros pagam por um plano de saúde. Em um lado nobre da cidade, são muitas as opções dentro do próprio lar. Há poucos quilômetros, a palavra "lar" não oferece o mesmo conforto. Em uma perspectiva, fama, holofotes e admiração. De outra, o esconderijo é a melhor opção. As crianças são o futuro do Brasil. E para a sociedade, o caminho é a educação, porém o acesso à escola, qualidade de ensino e boa infraestrutura é privilégio de poucos. A infância é tema principal deste trabalho de conclusão de curso.

A falta de recursos e a precariedade de serviços oferecidos acentuam ainda mais as desigualdades sociais. Quem não tem oportunidades, fica refém de situações que impossibilitam o acesso aos princípios básicos de cidadania. E às vezes, essas crianças, mesmo tão perto, estão distantes umas das outras devido às circunstâncias.

## **1.2 Justificativa**

Era um desafio descrever os cenários propostos sem utilizar a imagem. Por isso, o investimento de nossa atenção foi usar o rádio. O veículo tem o poder de levar a informação ao ouvinte com mais emoção. Além disso, a reportagem é uma história que precisa ser narrada da forma mais simples, clara e precisa. A descrição também tem papel fundamental no trabalho, já que o rádio também tem o poder de transmitir a informação e mexer com o imaginário do ouvinte. O objetivo é ir além do que já é proposto por outros meios de comunicação.

E para expor melhor essa emoção e descrição vivida durante a reportagem, optamos por abordar a infância. E nada melhor do que colocar as próprias crianças para descrevê-la. Afinal, só eles sabem como vivem, sentem e o que desejam para o futuro.

### **1.3 Objetivos**

#### 1.3.1 Objetivo Geral

- Produzir reportagens no rádio que contem histórias de crianças de diferentes níveis sociais, com base no acesso à saúde, educação, moradia e renda.

#### 1.3.2 Objetivos específicos

- Apresentar aos ouvintes as desigualdades sociais presentes nas regiões administrativas do Distrito Federal.
- Expor, através das próprias crianças, as diferentes realidades vividas por cada uma delas.
- Retratar que parte das crianças sofre com a precariedade de recursos e serviços oferecidos.

## 2 A LINGUAGEM RADIOFÔNICA

Muito se diz que falar no rádio é mais fácil do que em outro meio de comunicação, como a TV e o impresso. Mas, diferente do que muitos pensam, falar no rádio é mais difícil do que parece. No impresso, o leitor pode voltar várias vezes no início da matéria para entender melhor o que está escrito. Na TV, o complemento da imagem facilita a transmissão da informação e, algumas vezes, como diz o ditado, vale mais do que mil palavras. No rádio, o jornalista precisa ser claro, já que o ouvinte não tem uma segunda chance de entender o que está sendo dito. E, além disso, sem o auxílio da imagem, o jornalista precisa ser o mais descritivo para o ouvinte imagine a situação descrita. (BIANCO; VIRGINIA, 1999, p. 15; 16)

Fazer uma reportagem no rádio é como contar uma história a um amigo ou parente. Não é necessário usar muitas formalidades e nem palavras difíceis. O importante é ser claro o suficiente para que o ouvinte entenda a informação que o repórter que transmitir, no momento em que ela vai ao ar.

“Em qualquer veículo impresso ou eletrônico o redator deve ser claro, conciso, direto, preciso, simples e objetivo. O que diferencia o texto do rádio em relação aos veículos da imprensa escrita é a instantaneidade. Para que a missão de conquistar o ouvinte seja alcançada, o texto deve ser coloquial”. (BARBEIRO, 2003, p. 72).

Para explicar um assunto de difícil entendimento para o público, como por exemplo, a alta da inflação, o jornalista precisa ser direto e, ao invés de tentar explicar dados e conceitos, deve sempre se perguntar: como a alta da inflação afeta a vida do ouvinte?

Porém, como já dissemos anteriormente, não é tão fácil quanto parece. É preciso ter muito cuidado com alguns detalhes. O uso de adjetivos no rádio, por exemplo, é indesejável. Uma sugestão é dar preferência aos verbos do que adjetivar situações. (BARBEIRO, 2003, p. 57).

De acordo com o autor, o jornalista deve também tomar cuidado com o uso de gírias e sinônimos. Algumas gírias estão presentes no nosso dia a dia e são usadas com frequência. Mas as gírias de um grupo específico não devem ser utilizadas. O jornalista precisaria, de acordo com a obra, ter um amplo vocabulário, principalmente na hora de escolher a melhor palavra que descreva uma situação e o melhor sinônimo a ser usado.

Outro problema que é muito comum no rádio, mas deve sempre ser evitado é a redundância. Na ânsia de descrever a situação ao ouvinte e tentar explicá-la da maneira mais simples, o jornalista pode se tornar redundante. “Avançar para frente” e “atirar com arma de fogo” são erros cruciais no rádio ou em qualquer meio de comunicação.

Sem imagens que possam ajudar na compreensão dos fatos narrados, o repórter deve usar a linguagem coloquial para o ouvinte entenda em uma só vez, o que está sendo dito.

“Ser simples, claro e objetivo é usar linguagem coloquial, sem vulgaridade. É falar e escrever para que o ouvinte entenda de imediato. Mesmo expressões usadas com frequência podem ser simplificadas. É o caso de reforma tributária que pode ser traduzida por mudanças nos impostos”. (JUNG, 2004, p. 62).

E não é só a linguagem que precisa se adaptar ao meio, mas também a voz utilizada na transmissão da informação ao ouvinte. A notícia radiofônica exige narração mais veloz, para dar mais dinâmica à reportagem. Se o repórter for cobrir uma guerra, ele deve refletir na voz a situação vivenciada por ele naquele momento, para que o ouvinte mentalize uma imagem do que pode estar acontecendo. O repórter tem a liberdade de modular o tom da voz, dar maior intensidade ou até mudar o ritmo de acordo com o fato relatado. (JUNG, 2004, p. 121)

Na reportagem que pode ser comparada a uma conversa entre amigos também é preciso ficar atento a mais um detalhe. Como disse o escritor Nelson Rodrigues (apud

Jung, 2004, p.122), "a palavra não é o mais importante no diálogo, é na pausa que duas pessoas se entendem e entram em comunhão". O silêncio também faz parte do processo de comunicação e o ouvinte pode fazer as interpretações a ele oferecidas.

“Devemos usar uma linguagem sem muitas formalidades, mas ao mesmo tempo rica em variações. Raramente os ouvintes param para ouvir o rádio. Na maioria das vezes a audição acontece durante outras atividades, mais uma razão para a linguagem ser fácil e objetiva”. (CÉSAR, 1990, p. 119).

Em resumo, no rádio, o ouvinte precisa se sentir atraído pela reportagem, por isso, é papel do repórter levar o fato ao ouvinte com uma linguagem clara e precisa, e acima de tudo, objetiva.

### 3 RADIOJORNALISMO NO BRASIL

Em 1922, o rádio chegava ao Brasil. Era o Centenário da Independência. E a primeira transmissão oficial através do veículo foi o famoso discurso de Eptácio Pessoa, então Presidente da República. Quem diria que o veículo resistiria à chegada da televisão na década de 1950 e à internet no final do século 20.

Com finalidade puramente educativa, surge a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. No início, o grupo de ouvintes era seletivo e o rádio oferecia cultura e lazer à elite. A transformação no rádio começa na década de 30, com a comercialização. Mas é na famosa era de ouro, que o veículo passa pela maior transformação: surgimento da Rádio Nacional.

É nessa época que nascem mais emissoras e a busca por audiência torna a programação das rádios mais diversificada. Algumas emissoras buscam especialização em determinados campos. É nesse contexto que surge o radiojornalismo com o famoso “Repórter Esso” e o “Grande Jornal Falado Tupi”. (HARTMANN; MUELLER, 1998, p. 17; 18)

Mas o jornalismo já estava inserido no rádio há mais tempo. Edgar Roquette Pinto, fundador da Rádio Sociedade, não tinha hora para entrar no ar. Isso porque o Jornal da Manhã era um resumo das leituras de Roquette.

“Com o lápis vermelho na mão, o professor Edgar Roquette Pinto lia atentamente os principais jornais do Rio de Janeiro. Os textos rabiscados eram a fonte de informação para o Jornal da Manhã. O programa não tinha hora certa para começar. Ou melhor, tinha: assim que Roquette Pinto terminasse a leitura dos jornais impressos. Mal imaginava que seu método contaminaria as redações”. (JUNG, 2004, p. 19).

Os rabiscos dão espaço às laudas com textos de tamanho pré-determinado. É o surgimento da síntese noticiosa do Repórter Esso, que entra em cena em 1941. Heron Domingues era o locutor mais conhecido do Esso. A notícia era redigida com períodos

curtos, de forma direta. Os textos eram objetivos, sem adjetivos e sem orações intercaladas.

“A dramaticidade da leitura foi uma das marcas de Heron Domingues. A colaboração de Heron para criar um modelo de noticiário apropriado para o rádio não se resume à voz e forma de apresentação. Foi ele, por exemplo, que mediu o tempo de leitura e começou a numerar as linhas. Então era fácil determinar quanto tempo iria durar um jornal”. (JUNG, 2004, p. 33).

E para dar mais agilidade na programação, surge o Jornal Falado Tupi, um modelo diferente do *Repórter Esso*. Os quatro locutores ofereciam maior dinâmica ao ouvinte. A fórmula permanece no rádio brasileiro oitenta anos depois.

Com a chegada da Televisão, o rádio colocou o repórter na rua para acompanhar os fatos de perto e transmitir ao ouvinte o que acontecia naquele momento. Surgia a necessidade de oferecer informação ao vivo. (JUNG, 2004, p. 37)

Na década de 60, o jornalismo ganha importância com a Rádio Jornal do Brasil. Mais ênfase na reportagem com notícia rápida e certa ganha a marca da credibilidade com o ouvinte.

“A programação não veiculava apenas notícias. Ainda usava o recurso de intercalar música com os programas jornalísticos. A Rádio JB, apoiada no jornalismo consagrado pelo Jornal do Brasil, investiu em uma programação dedicada quase que exclusivamente à notícia, em Maio de 1980”. (JUNG, 2004, p. 43).

O jornalismo continua presente na programação do rádio brasileiro. E não por menos, é considerado um veículo altamente confiável pelo público. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (JUNG, 2004, p. 60), 99,9% dos brasileiros ouvem rádio e acreditam no que escutam como aponta pesquisa do Ibope. E o jornalismo que fez do veículo a principal fonte de informação dos brasileiros.

O radiojornalismo precisa ter mobilidade e, ao mesmo tempo, honestidade e precisão. Além da rapidez na transmissão da notícia, é preciso oferecer ao ouvinte informações credíveis com base nos fatos reais.

“O jornalismo radiofônico compete com a velocidade da luz, portanto a mobilidade é a palavra de ordem. O radiojornalismo exige que os fatos divulgados sejam exatos e fiéis á realidade porque, diferente de alguns tipos de jornais e revistas, busca evitar a transmissão de notícias falsas ou boatarias inconsequentes”. (CÉSAR, 1990, p. 75).

Noventa anos depois da criação do rádio, o jornalismo continua presente no veículo de comunicação. E continua atraindo o ouvinte, sempre oferecendo informação a todo o momento com agilidade e honestidade.

## 4 DESCRIÇÃO NO RÁDIO

O produto apresentado aqui elevou a estas estudantes a reflexão sobre a linguagem descritiva no rádio que é construída pelo dinamismo, rapidez e por mexer com o imaginário do ouvinte. Quando uma matéria é descrita em um programa, o repórter tem o papel de transmitir a informação de maneira com que o ouvinte seja capaz de interpretar o tema de forma clara e objetiva.

Ao contrário da TV que transmite o conteúdo por imagens, o rádio tem que usar de outros meios para chamar a atenção do ouvinte. Um desses recursos são as inserções sonoras como o BG (background), vinheta e a música.

“Gestos, expressões e movimentos do entrevistado – suas reações mímicas que a televisão inapelavelmente registra com a câmara – poderão (e em certos casos até mesmo deverão) ser descritos pelo bom entrevistador de Rádio”. (LIMA, 1970, p. 93).

A locução do jornalista, os efeitos sonoros e a maneira como que ele conduz o programa de rádio prendem o ouvinte. A linguagem coloquial, sem fugir das normas gramaticais, pode transmitir sensação de proximidade.

O texto para rádio é constituído por um grupo que ‘caminha junto’: a informação, o texto, os efeitos sonoros e a locução podem assegurar um trabalho de bom conteúdo. E, ainda, podem fazer com que o ouvinte se sinta no local onde aconteceu o fato. Como disse os autores Chantler e Harris (CHANTLER; HARRIS, 1998, p.51), “Lembre-se: você está redigindo para o ouvido e não para o olho”.

A palavra é fundamental no texto radiofônico, pois substitui a falta de imagem. A voz proporciona ao ouvinte a capacidade de formar cenas e fotos no imaginário. Assim, a ação narrada pelo repórter ao descrever o local, ambiente, personagens e outros, fazem do rádio um meio extraordinário na área do jornalismo.

“O radiorepórter que comanda uma entrevista precisa estar capacitado a utilizar o instrumento da descrição, enriquecida pelos efeitos de sonoplastia. Esses efeitos – sons e ruídos ambientais – fazem em Rádio as vezes dos efeitos de luz em TV: são aceitáveis e integram a emissão, sempre que não impeçam a audição das palavras”. (LIMA, 1970, p. 93).

A descrição é instrumento de expressão, que consiste na percepção sensorial, representada pela audição. Ou seja, ela transmite emoção, mas para isso, é necessária locução completa, surpreendente e criativa. Afinal, você está contando uma história, além disso, para o rádio se sobressair dos outros meios de comunicação, como o impresso e a TV que apresentam imagens, a descrição é essencial.

## 5 ENTREVISTA JORNALÍSTICA

A entrevista deve sempre revelar fatos e/ou informações relevantes para a população. Por isso, ela deve ter uma preparação inicial, além de interpretar as perguntas como vindas de um ouvinte. Estudar o assunto, seja por pesquisas ou informações anteriores sobre o tema, é fundamental para a abordagem inicial. (CHANTLER; HARRIS, 1998, p.101).

Ter conhecimento e domínio sobre o assunto, em especial, ao entrevistado é imprescindível. Pois esse conhecimento prévio é o que dará início a entrevista. É o gancho para uma boa conversação, e claro para passar credibilidade ao entrevistado. (CHANTLER; STEWART, 2006, p.114).

Explicar como será a entrevista, do que se trata e quais as perguntas iniciais dá sensação de liberdade ao entrevistado, ou seja, deixa a pessoa à vontade para se expressar. Porém, o repórter não pode deixar que ele guie a entrevista. Deve-se abrir espaço pra que a pessoa dê sugestões de perguntas, acrescente algo que não foi perguntado, mas que considere importante, além disso, não se deve ficar preso a um *script*, a cada resposta dada pode se reformular outras perguntas.

“Não há um método de entrevista, mesmo porque a relação entre profissional e fonte é dinâmica e não estática, constituindo-se sim em um processo. A arte da entrevista reside em um ciclo de saber perguntar, ouvir a resposta, reprocessar o que foi dito e questionar novamente”. (FERRARETTO, p. 277).

Um exemplo de entrevista, a que foi realizada nesse documentário, é a entrevista emocional, conceito de Paul Chantler e Sim Harris (1998, p.114), a qual traz histórias que são descritas por quem há viveu, transmitindo assim, as formas de manifestações emocionais: felicidade, tristeza, angústia, entre outros. Contudo, o jornalista deve estar atento para não transmitir algo distorcido, não se deve provocar com os sentimentos alheios sensacionalismo ou abuso da informação.

“[...] ninguém deve ser obrigado a falar o que não quer, mas sabe-se de pessoas que têm seu sofrimento aliviado quando podem revelá-los publicamente”. (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 101).

A linguagem do corpo é um aspecto fundamental na entrevista, pois o entrevistado pode revelar o temperamento emocional pela postura, seja no toque das mãos ou nos pés inquietos, que muitas vezes falam mais que palavras. E no rádio, o papel do repórter é transmitir o que se passa ao ouvinte.

De acordo com os autores Paul Chantler e Peter Stewart (2006, p. 118), em alguns casos o entrevistado indaga uma resposta, por isso o repórter deve perguntar mais de uma vez a mesma coisa, para que a resposta seja clara e objetiva, mas não se deve perguntar duas coisas ao mesmo tempo, já que o entrevistado pode se confundir ou acabar não respondendo uma das questões apontadas. Para uma boa entrevista não se esqueça do *lead jornalístico*: O quê? Onde? Quem? Como? Por quê? e Quando?, critérios que segundo os autores devem ser empregados no rádio.

“Não há uma ordem particular de prioridade. Isso depende das circunstâncias. Entretanto, esse tipo de questionamento faz com que se obtenha a informação de forma rápida. E a partir daí você poderá formular perguntas suplementares”. (CHANTLER ; STEWART, 2006, p. 119).

A entrevista é uma interação entre repórter e entrevistado, e não deve estar restrita apenas a pergunta e resposta. A interação é ponto primordial e tem como objetivo melhor informar o ouvinte. O contato visual demonstra interesse e estar atento ao que o entrevistado fala dá privilégios ao conteúdo da matéria. Ficar preso a uma lista de perguntas não dá oportunidade de progressos na entrevista. (LIMA, 1970, p. 91).

Para os autores Paul Chantler e Peter Stewart (2006, p. 49), “a simplicidade infantil é a essência de um bom texto radiofônico”. Quando o entrevistado é um especialista, o jornalista deve se certificar que o assunto ficou claro. Expressões ou

jargões de áreas específicas devem sempre ser esclarecidos, para não se fazer interpretações equivocadas sobre determinado tema e confundir o ouvinte.

“Não induza, financeiramente, ou seja, lá de que forma for, a criança a dizer aquilo que quer que ela diga. Similarmente, deve tomar cuidado para não fazer perguntas dirigidas, ou predispor-la a falar certas coisas”. (CHANTLER ; STEWART, 2006, p. 123)

Entrevistas com crianças devem antes ter aprovação dos pais ou responsável. Demanda cuidado, em relação às técnicas de entrevista, já que se deve ter cuidado como se e o que se fala, para que a pergunta esteja clara. Além disso, alguns podem misturar o real com o imaginário, até mesmo se o assunto não for transmitido de forma simples, sem termos complexos.

## **6 DIÁRIO DE BORDO – EMOÇÕES E DIFICULDADES**

Para fazer as reportagens, optamos por acompanhar as rotinas dos personagens deste trabalho.

### **6.1 Saúde**

Na primeira semana, o objetivo era construir a matéria sobre saúde. Então, com base em fatos e nos dados da Codeplan, decidimos analisar o atendimento no Hospital Regional de Ceilândia e em um hospital particular do Plano Piloto. Na primeira experiência, em uma sexta-feira, não tivemos sucesso: poucos pacientes chegavam aos hospitais, e estes, não quiseram falar com a reportagem.

Em outra ida, numa segunda-feira, a situação mudou completamente. A pediatria das unidades estava cheia e os depoimentos contados pelos pequenos pacientes e responsáveis mostravam a realidade vivida por eles.

No HRC, alguns pais se exaltavam depois de mais de uma hora de espera. As crianças estavam tímidas, mas algumas deram atenção à reportagem. O atendimento para uns foi demorado, sem resultado e desgastante, mas para outros foi rápido e satisfatório.

No hospital particular a história era diferente. A espera dos pacientes demorava em torno de 20 a 30 minutos, incluindo o tempo da triagem e do atendimento. Os pequenos e os pais saíam satisfeitos do hospital, e para alguns, o tempo ainda era longo.

Com muitos depoimentos e dados de pesquisas, construímos a reportagem de acordo com a nossa observação e com base na entrevista concedida pela secretaria de saúde.

## **6.2 Moradia**

Na segunda reportagem, decidimos abordar a situação das moradias em que vivem as crianças. Também com dados da Codeplan e outras fontes de pesquisa, escolhemos a cidade Estrutural e o Sudoeste.

Fizemos uma visita ao apartamento de um personagem que mora no Sudoeste. Ele apresentou o local e nos contou o que gosta de fazer no tempo livre no espaço. A situação financeira da família oferece uma vida de luxo ao pequeno, que mora em uma cobertura e tem os mais modernos aparelhos eletrônicos.

Ao chegarmos à Estrutural nos deparamos com uma realidade contrária. A casa da criança não oferecia o mesmo aconchego, nem por isso a pequena tirava o sorriso do rosto enquanto apresentava a casa. Com poucas opções, a garota aproveita o tempo livre para brincar na rua, onde o espaço é maior.

## **6.3 Educação**

No tema educação, o objetivo era analisar o acesso ao ensino e a estrutura física da escola oferecida aos alunos. Além disso, decidimos acompanhar a rotina de cada criança. Nesse aspecto, escolhemos duas cidades que apesar de próximas uma da outra, estão distantes no quesito igualdade social: Paranoá e Lago Sul.

O personagem do Paranoá estuda em escola pública. Com poucos recursos, a criança mostrou ser esforçada e capaz de atingir seus objetivos. As reclamações foram muitas, mas o sonho de se formar pela Universidade de Brasília persiste.

Já a pequena estudante de uma escola particular do Lago Sul dispõe de outros meios que podem facilitar o acesso à universidade pública, como a presença de um professor particular. Com uma boa estrutura e qualidade de ensino a criança está satisfeita.

#### **6.4 Renda**

Na última reportagem, a ideia foi mostrar como as crianças ganham dinheiro e para quê o utiliza. Fomos até a Rodoviária do Plano Piloto à procura de crianças que precisam trabalhar de algum modo para ganhar dinheiro. Encontramos uma família, com três crianças que vendiam doces no local para ajudar na renda de casa. Sem tempo para brincar ou se divertir, no horário contrário às aulas, o objetivo é vender mais para garantir a comida do dia. A história é realmente emocionante, mas não podemos esquecer que trabalho infantil é crime.

E à procura de outras crianças, fomos até o lixão da Estrutural. No local, conversamos com funcionários e assistentes sociais que nos contaram a realidade das crianças que vivem ali. Eles confessam que os pequenos trabalham no lugar, uns para ajudar a família, outros por envolvimento com drogas. Durante a reportagem, vimos três crianças trabalhando, mas quando chegamos perto, elas correram.

Por outro lado, há crianças que ganham dinheiro com a realização de um sonho. Um exemplo é de uma família que tem quatro pequenas modelos. Entrevistamos as duas meninas mais velhas. Elas afirmam que gostam do que fazem e que o dinheiro ganho fica guardado para o futuro delas.

## 7 CONCLUSÃO

Mesmo com o IDH considerado elevado em relação aos outros municípios (0,824) o Distrito Federal ainda apresenta fortes desigualdades sociais entre as 31 regiões administrativas. Então decidimos analisar como os contrastes sociais interferem na vida das crianças que moram nas regiões que apresentam índices precários.

Escolhemos temas pertinentes que podem influenciar no futuro dos jovens: saúde, educação, moradia e renda. Depois de constatar os problemas vividos por cada um, concluímos que faltam políticas públicas e mais investimentos em áreas consideradas essenciais na vida de um ser humano.

A falta de investimento em algumas regiões interfere diretamente na vida da população em geral. Sem possibilidades de emprego ou acesso à educação, muitos pais resolvem levar os filhos às ruas para ajudar na renda da casa. E sem um ensino de qualidade, as crianças que hoje dependem do ensino público, por exemplo, não tem garantia de um futuro promissor.

Em pesquisa da Codeplan, realizada em 2003, as regiões administrativas do DF estão em patamar elevado no que se refere ao IDH. Variando do mais alto de 0,945 referente ao Lago Sul ao mais baixo de 0,761 referente à Brazlândia, que ainda é considerado IDH médio, que deveria oferecer ótima qualidade de vida. Porém, vale ressaltar que no estudo não foram levadas em conta todas as regiões administrativas existentes hoje. Das 31, apenas 19 foram avaliadas.

A Cidade Estrutural, por exemplo, região com população de baixa renda, não está inserida no estudo, mas apresenta fortes desigualdades sociais em relação às outras regiões.

Ao longo da reportagem, as crianças puderam ousar e se expressar de acordo com o sentimento, seja ele de felicidade ou indignação. Intimidados, sem jeito, envergonhados ou alegres e entusiasmado, foi assim que os pequeninos nos receberam e transmitiram o que pensavam sobre determinado assunto.

Apesar das diferenças, o sorriso no rosto de cada criança permanece. A expressão é de esperança, de que há algo melhor por vir e que ela vai fazer parte desse momento. Algumas pedem melhoria na qualidade do ensino público, na saúde e outras na própria casa, no fim, todas desejam a mesma coisa. Um Brasil melhor, com respeito e igualdade para todos sem distinção.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vita de. **Princípios e técnica de radiojornalismo**. Brasília: Icinsorm, 1970.

BARBEIRO, Heródoto. RODOLFO, Paulo. **Manual do radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BIANCO, Nélia Del. VIRGINA, Sônia. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ: UnB, 1999.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM-FM**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo, Summus, 1998.

CHANTLER, Paul; STEWART, Peter. **Fundamentos do jornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.

CODEPLAN. **Pesquisa distrital por amostra de domicílios: PDAD PARANOÁ**. 2013. Disponível em:

<<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2013/PDADParano%C3%A1.pdf>>. Acesso em: 10 NOV. 2013

CODEPLAN. **Pesquisa distrital por amostra de domicílios: PDAD CEILÂNDIA** 2013. Disponível em:

<<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2013/Ceil%C3%A2ndia-PDAD%202013.pdf>>. Acesso em: 10 NOV. 2013

CODEPLAN. **Domicílios precários na baixa renda do Distrito Federal**. 2009.

Disponível em:

<<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Domicilios%20Precarios.pdf>>. Acesso em: 10 NOV. 2013

CODEPLAN. **Coletânea de informações socioeconômicas**. 2007 RA XXII Sudoeste/Octogonal. Disponível em:

<[http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA\\_Sudoeste.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA_Sudoeste.pdf)>. Acesso em: 10 NOV. 2013

CODEPLAN. **Coletânea de informações socioeconômicas**. 2007 RA VII Paranoá. Disponível em:

<[http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA\\_Paranoa.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA_Paranoa.pdf)>. Acesso em: 10 NOV. 2013

CODEPLAN. **Coletânea de informações socioeconômicas**. 2007 RA XVI Lago Sul. Disponível em:

<[http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA\\_LagoSul.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA_LagoSul.pdf)>. Acesso em: 10 NOV. 2013

CODEPLAN. **Coletânea de informações socioeconômicas**. 2007 RA IX Ceilândia. Disponível em:

<[http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA\\_Ceilandia.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA_Ceilandia.pdf)>. Acesso em: 10 NOV. 2013

CODEPLAN. **Coletânea de informações socioeconômicas**. 2007 RA I Brasília. Disponível em:

<[http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA\\_Brasilia.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA_Brasilia.pdf)>. Acesso em: 10 NOV. 2013

CODEPLAN. **Coletânea de informações socioeconômicas**. 2007 RA XXV Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA. Disponível em:

<[http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA\\_SCIA.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA_SCIA.pdf)>. Acesso em: 10 NOV. 2013

CODEPLAN. **Situação do Trabalho Infantil no Distrito Federal**. Disponível em:

<<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Situa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Trabalho%20Infantil%20no%20DF.pdf>>. Acesso em: 10 NOV. 2013

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Sagra, 2001.

HARTMANN, Jorge; MUELLER, Néson. **Comunicação pelo microfone**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

## APÊNDICE A - SAÚDE

O choro deles é mais doloroso, a dor não é menos inocente. Mas algumas lágrimas duram mais, outras menos.

Duram mais em Ceilândia: região com mais de 440 mil habitantes, cidade mais populosa do DF, com a mesma população da capital do estado do Amapá.

83% da população não tem plano de saúde. Mais de 97 mil crianças moram na região.

O Hospital Regional atende cerca de SETE mil crianças por mês.

Em abril deste ano, em apenas 18 dias, SETE crianças morreram na unidade de saúde, por infecção.

Duram menos em Brasília: com mais de 300 mil habitantes, a cidade oferece à população 20 hospitais particulares.

Em um hospital particular do centro da capital, por exemplo, NENHUMA criança morreu na pediatria da unidade, neste ano.

E hoje? Como está sendo feito o atendimento nas emergências pediátricas? Os pequenos pacientes estão satisfeitos?

Pois é Gabriela, em um dos hospitais do centro sul de Brasília, o atendimento é feito em um tempo recorde. As mães e os filhos não demoram mais que 30 minutos para receber o diagnóstico da doença.

Por aqui, João, de 9 anos, estava preocupado com um caroço no pescoço. Ele saiu do hospital satisfeito com o atendimento rápido que durou cerca de VINTE minutos.

{SONORA}

Já a espera de Ana Carolina, aqui no Hospital Regional de Ceilândia, dura TRÊS anos, sem previsão de ser realmente atendida.

{SONORA}

A mãe da garota está desanimada e cada dia mais preocupada. As esperanças, a cada dia, diminuem e a volta para casa é sempre a mesma: sem solução.

Mas em Brasília, Gabriela, a sorridente Ana Luísa, de 11 anos, nem se lembra da crise de asma de meia hora atrás.

{SONORA}

O mesmo não pode ser dito nem sentido por Samuel.

É verdade. A criança reclama que o atendimento foi ruim, e que o médico passou o remédio de sempre que nunca melhora.

{SONORA}

A mãe do pequeno também volta pra casa com a mesma aflição.

Mas Dayane, não pense que todos passam pela mesma situação. Em alguns casos, o atendimento foi rápido e suficiente para colocar um sorriso nas pequenas crianças.

{SONORA POVO FALA}

A coordenadora do Hospital Regional de Ceilândia, Lucimar Gonçalves, disse que em abril, mês que as SETE crianças morreram na unidade, houve um aumento de nascimentos que não era esperado. Inclusive, justifica que Três das vítimas já estavam em estado crítico.

Por mês, são feitos, em média, 500 partos na unidade e mais de 6 mil bebês nascem no hospital, por ano.

Ela destacou ainda que muitos pais deveriam ir aos postos de saúde, onde o problema seria resolvido e a emergência do hospital não ficaria tão sobrecarregada, no entanto, os postos trabalham com senhas, e dor não tem hora pra acontecer.

De Brasília, Dayane dos Santos

De Ceilândia, Gabriela Echenique

## APÊNDICE B - MORADIA

Rua estreita, lotes pequenos, casas sem reboco, a impressão é que todas estão em fase de construção, mas as obras estão paradas há anos. Essa é a visão ao chegar em uma das ruas da Cidade Estrutural, há DEZ quilômetros do centros e Brasília.

{SONORA POVO FALA}

Com 40 mil habitantes, a região apresenta MIL E SEISCENTOS domicílios precários, sendo que 83% deles funcionam com concessão de uso.

Em um deles, mora Fabiana, de 12 anos, com os pais e mais TRÊS irmãos.

A casa pequena de apenas DOIS quartos abriga a família.

Em um dos quartos, dormem as crianças da casa. Sem TV, videogame, ou qualquer brinquedo para tornar o espaço divertido, o local serve apenas como dormitório, com as DUAS camas e o guarda roupa. Entre muitos pedidos, o sonho de Fabiana é ter um quarto só pra ela.

{SONORA}

Há 14 quilômetros da Estrutural, vive o pequeno André.

Em um apartamento aqui do Sudoeste, região em que o metro quadrado custa mais de ONZE mil reais, ele vive uma realidade contrária à de Fabiana. A agenda do pequeno é corrida. Ele conta que quando não está no colégio, tem outras atividades ao longo da semana.

{SONORA}

O garoto mora com a mãe e as DUAS irmãs na cobertura que tem CINCO quartos.

Além disso, a família conta com uma piscina , churrasqueira e área de lazer dentro do próprio apartamento.

Na Estrutural, Fabiana prefere brincar na rua com os amigos, já que o espaço da casa não é suficiente.

{SONORA}

Mas André também gosta de se divertir, mas claro, de um modo diferente. Os jogos preferidos do garotinho estão no videogame e no tablet que ele tem no próprio quarto.

{SONORA}

São diferentes tetos, diferentes sonhos. O mesmo período de vida. Para as crianças, a palavra casa é onde tudo nasce, cresce e por onde cada um de nós abre nossas janelas...

Do Sudoeste, Dayane dos Santos

Da Estrutural, Gabriela Echenique

## APÊNDICE C - EDUCAÇÃO

Qualidade de ensino, estrutura física e equipe de profissionais qualificados são aspectos essenciais para a formação de um cidadão. Porém, poucos são aqueles que têm acesso à educação de qualidade.

No Paranoá, por exemplo, 41% da população não concluiu o ensino fundamental, enquanto no Lago Sul o mesmo percentual tem nível superior completo. Cidades tão próximas, mas com realidades tão distantes. Tiago de apenas 12 anos, morador do Paranoá, tem uma rotina bem diferente da maioria dos garotos da sua idade. Ele acorda por volta das 7h30 da manhã e ajuda o irmão de 7 anos a se preparar para escola. Toma café da manhã, faz as atividades do colégio e, inclusive lava a louça do café da manhã para ajudar a mãe com os afazeres de casa.

Patricia, que tem a mesma idade, acorda cedo para ir à aula. Ela mora no Lago Sul e estuda em uma escola particular da região. A garota mora perto, a cerca de DEZ minutos do local. Mesmo assim, o pai leva a menina de carro.

Aqui no Paranoá Dayane, depois do banho e almoço chegou a hora de ir à escola. E chegar até lá não é tão fácil quanto parece. A caminhada para o colégio demora cerca de 10 minutos. O garoto está no sétimo ano do ensino fundamental e sempre estudou em escola pública. Apesar de Tiago achar que tem pontos positivos no ensino que recebe, ele tem algumas críticas sobre a escola.

{SONORA}

Já aqui na escola de Patrícia, no Lago Sul, a ansiedade dos alunos é com a chegada de ar condicionado para as salas de aula. Ela lembra que, no momento, o ventilador está estragado, mas ela adora ir ao colégio, principalmente para brincar em uma das OITO quadras do local.

{SONORA}

O que para algumas crianças seria impossível de fazer Tiago faz todos os dias: estuda UMA hora por dia, utilizando livros e resumos feitos por ele mesmo, sem usar a internet. O garoto já pensa no futuro, e claro, quer o melhor para alcançar seus objetivos. Com apenas 12 aninhos pensa em se formar na Universidade de Brasília, mas quer boa estrutura e ótimos professores.

{SONORA}

No tempo livre de Patricia, ela também faz os deveres, mas conta com uma ajudinha extra. Ela diz que vai ao reforço e DUAS vezes na semana, vai à escolinha de vôlei no horário contrário à aula.

{SONORA}

Em pesquisa da Codeplan, o Paranoá é uma das regiões administrativas do Distrito Federal que tem um dos piores índices de educação. 5% da população é analfabeta e mais de 96% não faz nenhum curso extracurricular.

Já a região do Lago Sul apresenta elevados índices de escolaridade, onde quase 100% sabe, pelo menos, ler e escrever.

São diferentes cadernos, na periferia e na área nobre, que podem alterar as letras e as páginas de vida desses cidadãos no amanhã.

Do Lago Sul, Dayane dos Santos

Do Paranoá, Gabriela Echenique

## APÊNDICE D - RENDA

Brincar, correr, jogar bola, andar de bicicleta, esqueça tudo isso. Crianças perdem a infância e a alegria com o trabalho. Seja vendendo doces, catando lixo ou nas passarelas.

Na rodoviária do plano piloto, uma família com três crianças passa o dia vendendo chicletes. Os pequenos são tímidos, mas depois de muita insistência, eles contam que a meta é vender o máximo que puderem para comprar o leite da irmã de apenas CINCO meses da comida para a família. Eles não sabem que no Brasil, o trabalho de crianças com até 14 anos é proibido. Os exploradores podem ser até presos, mas na hora que a fome aperta, a prioridade é outra.

Não pense que esse contexto é vivido por poucos. Nas feiras do Distrito Federal, muitas crianças também perdem a infância.

Aqui Na feira do Guará, por exemplo, um grupo de SEIS garotos se reveza para levar as compras do cliente até o carro. Marcelo é um deles. Aos fins de semana, trabalha DOZE horas por dia e durante a semana, vai à feira no horário contrário à escola. Ele diz que gosta do que faz.

{SONORA}

As sacolas pesadas e as dores nos braços são compensadas com o lucro do fim do dia. O dinheiro está guardado para realizar os desejos de Marcelo. Cada centavo já tem destino certo.

{SONORA}

A reportagem também foi ao lixão da Cidade Estrutural. Lá, encontramos TRÊS crianças recolhendo lixo debaixo do sol quente e sem qualquer proteção. De acordo com os funcionários do local, alguns estão ali para ajudar a família. Outros, para sustentar o vício das drogas. Quando tentamos nos aproximar, os pequenos fugiram com medo de serem expulsos do local.

Enquanto uns se escondem, outros procuram as luzes. Como os meninos do lixão, essas crianças também não tem hora certa para brincar. O desfile é prioridade absoluta. Para estas crianças, trabalho é glamour. Uma família com QUATRO pequenas modelos tem uma rotina bem diferente. Desfiles, fotos, propagandas fazem parte da agenda das garotas.

Leticia, a irmã mais velha, com apenas DOZE anos, já está na profissão há QUATRO anos. Desde nova, ela se espelha em modelos famosas e tem o apoio dos pais.

Leticia é uma pequena modelo. E uma vez por mês, desfila para grifes de roupa. A menina conta que o trabalho é prazeroso, mas nem por isso a rotina se difere das outras crianças.

{SONORA}

A família se encontra nas passarelas. Até uma bebê, com menos de DOIS anos de idade. A pequena Letícia usa dinheiro que ganha para satisfazer as próprias vontades.

{SONORA}

Na prioridade, o novo aparelho vai ajudar a marcar novos compromissos. De olho no futuro, quem está na passarela ou no lixo esquece do presente.

Reportagem, Dayane dos Santos e Gabriela Echenique